

VOGUE

BRASIL

N1
NOVEMBRO
R\$20

DANIELA FALCÃO
POR JÚLIA MELLO

REPÓRTER, EDITORA E
CEO MULTITAREFAS

DANIELA
FALCÃO



Sold exclusively in Louis Vuitton stores and on louisvuitton.com. 866-VUITTON

LOUIS VUITTON





VOGUE

BRASIL

Diretora de Conteúdo

Júlia de Barros Mello

Redação

Revisão Larissa Maida

Arte

Design Danielle Santos

Fotos

Midore Delucca e João Viegas

Orientador

Hugo Harris

Trabalho de Conclusão de Curso

Jornalismo Mackenzie

“Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.”



DANIELA FALCÃO

REPÓRTER, EDITORA E
CEO MULTITAREFAS

Das primeiras páginas
cobrindo tragédias dos jornais
para as primeiras filas dos mais
exclusivos desfiles de moda

Por *Júlia de Barros Mello*
Fotos *Midore Delucca e João Viegas*



Era final de tarde, do dia 13 de setembro de 2017, quando Daniela Falcão enviou a primeira resposta sobre o pedido de realizar este perfil. “Oi Júlia, que honra! Só tenho medo de não ter tempo para dar a atenção que um projeto deste merece...”. Pouco mais de um ano antes de escrever a última palavra deste texto, ela já sabia que não teria disponível o tempo que seria necessário. Conseguir um horário na sua agenda é uma tarefa que exige uma boa dose de paciência e flexibilidade. Sua presença é super requisitada e seus horários são preenchidos por reuniões com diretores de redação, financeiro, almoços e jantares com parceiros, muitos eventos e - durante uma pequena temporada - entrevistas para este texto que você lê agora.

Para que cada uma das conversas acontecessem, foram necessárias muitas remarcações e uma infinidade de *e-mails* trocados com três secretárias diferentes em pouco mais de um ano de contato. A cada remarcação, uma nova expectativa e frustração eram geradas até que um novo *invite* com a próxima data e horário fosse recebido. Infelizmente esse era um *looping* vicioso, e que por poucas vezes saiu da linha marcação-cancelamento-remarcação.

Encontrar Daniela era uma incerteza completa até que sua secretária ligasse no segundo andar – onde fica a recepção e as redações das revistas Vogue, Casa Vogue, GQ e Glamour – e autorizasse a subida para o terceiro andar, onde fica sua sala.

Definitivamente foram mais horas passadas na recepção, junto de dois secretários silenciosos que ficam quase escondidos atrás de uma grande bancada de madeira clara, do que de fato junto com Daniela. Naquele ambiente, o entra e sai de motoboys carregados de sacolas de grandes grifes, arranjos de flores monumentais, caixas de doces e tudo mais que se puder imaginar de mimos que editoras e repórteres dessas revistas ganham é constante.

Além dos motoboys, o vai e vem de funcionários vestindo as últimas tendências *fashion* ou alguma combinação ousada demais para ser vista em outro lugar que não de uma redação de moda, como sandálias de salto alto combinadas com meias até a canela, é bastante característico daquele endereço da Avenida Nove de Julho. As conversas entre os funcionários que passam e fazem fotos no espelho da recepção para postar o look do dia são registros que não te deixam esquecer de que é ali onde são produzidas algumas das mais conhecidas revistas masculina e feminina do país.

Em uma certa sexta-feira, perto das seis horas da tarde, o telefone da recepção toca. Um dos secretários chama Carminha, que está na

copa. “É a Daniela né? O carrinho de comida está nesse andar?”. Carmem Machado, mais conhecida como Carminha, é a copeira mais famosa e querida da Globo Condé Nast. Ela é uma das funcionárias mais antigas da editora e conhece Daniela como ninguém. “Já até sei que esse é o horário da fome. Avisa ela que eu já subo”, e poucos minutos depois, lá estava ela em direção à escada de incêndio para o andar de cima com um saquinho de bolachas “Eqlibri” sabor queijo branco e orégano, o mesmo que, minutos depois, quando fui chamada para subir, Daniela comia entre uma palavra e outra.

Dona de um sorriso maternal, Carminha foi responsável por fazer com que todas as tensões de estar prestes a falar com a CEO do grupo desaparecessem rapidamente.

“Ela tem um coração enorme, fica tranquila”, foi o que Carminha disse antes que a primeira conversa com Daniela acontecesse.

O primeiro encontro oficial aconteceu dia 19 de dezembro de 2017. Naquela terça-feira quente de dezembro, seu visual era despojado: cabelos lisos repartidos ao meio e pouquíssima maquiagem, aparentemente existia apenas um corretivo na região abaixo dos olhos. O vestido solto de comprimento *midi* laranja, estava combinado com sapatos baixos e uma bolsa grande cheia de papéis, ambos em tons terrosos. Seu estilo despretenso é reflexo do seu astral carioca, cidade onde passou a maior parte da adolescência, e vai contra a ideia de formalidade que se imagina de uma CEO.

Mas não se engane pensando que essa descontração significa menos trabalho. Naquele clima pré-natalino, as redações da Glamour, Vogue, Casa Vogue e GQ estavam quase vazias, prontas para diminuir o ritmo do ano que estava terminando e começarem a pensar como seria 2018. Daniela, no entanto, seguia a todo vapor.

A entrevista aconteceu na sua sala, que fica ao fundo do terceiro andar. Por ficar em um dos cantos do prédio, duas das paredes são de grandes janelas e as outras duas são de vidro, responsáveis pela divisão com a antesala particular onde, na época, também ficava sua secretária Fernanda Estevão.

Fernanda foi a primeira secretária que conheci. Posso dizer que nós começamos juntas, mas aparentemente o desafio de estar em contato com Daniela era geral, e não pessoal. Fernanda deixou o cargo no dia 7 de março e quem assumiu foi Bernadette de Lara. Nós nunca chegamos a nos conhecer pessoalmente, já que seu início e fim aconteceram no hiato entre minhas entrevistas.

Marcia Caetano é quem volta a assumir a agenda e compromissos de Daniela. Elas trabalham juntas desde a época em que a Vogue fazia parte da editora Carta Editorial, com um breve intervalo de quando Daniela mudou de cargo. São anos de convivência que, aparentemente, dão certo.



Reprodução/Instagram



Daniela é o tipo de mulher multitarefas, que está sempre fazendo mais de uma coisa ao mesmo tempo e entrar na sua sala é ter uma pequena demonstração do caos organizado que sua vida é. São milhões de informações para serem absorvidas. Nada minimalista, todas as superfícies que podem ser ocupadas assim estão. Convites, flores, papéis com anotações, rabiscos, grifos, milhares de edições das revistas e, ao fundo, duas bonecas Barbie de edição especial, adquiridas em meados de 2017, e que segundo a publicação do seu Instagram na época, eram suas novas companheiras de sala.

Em meio a toda essa informação, lá estava ela: conferindo o calendário de compromissos do mês seguinte antes que começássemos. Quando dou o primeiro passo para dentro da sala acompanhada de sua secretária Fernanda, Daniela questiona três ou quatro informações de sua agenda que não deveriam estar ali e faz com que Fernanda rapidamente se retire para resolver.

A feição séria de seu rosto se desfaz ao dar as boas-vindas. Um certo clima de tensão permanece no ar durante os primeiros minutos de conversa, mas logo se desfaz. O que começa a chamar atenção é a segurança e firmeza no seu tom de voz. Hoje, na posição que conquistou, tem muita certeza do que está fazendo e de qual caminho deve seguir.

Porém, a situação era diferente no início da Vogue. Enquanto a publicação ainda fazia parte da Carta Editorial, sua autoridade como jornalista e diretora de redação eram questionadas constantemente, assim como de sua equipe. Isso acontecia por trabalharem diretamente com a dona da editora, Patrícia Carta, que já tinha sua credibilidade, rede de contatos e amigos que muitas vezes “passavam por cima” dos funcionários para resolverem suas questões diretamente com a chefe. Para que isso parasse de acontecer, foi necessário muito esforço e dedicação de todos para que a revista, e por consequência seus funcionários, ganhassem respeito, credibilidade e relevância no mercado editorial nacional.

Seu trabalho foi reconhecido a ponto de, três anos depois de ter entrado, receber uma proposta da editora Abril para coordenar três revistas, entre elas a ELLE, maior concorrente da Vogue no Brasil. A proposta aconteceu quando a Vogue ainda fazia parte da Carta Editorial e Daniela recebeu um sábio conselho de sua chefe na época: “Ninguém é diretora da Vogue só por três anos. Você precisa deixar um legado”.

Dois anos depois, as editoras Globo e Condé Nast Internacional estabeleceram uma *joint venture*, aliança estratégica entre as duas empresas, e depois de 35 anos acabaram tirando a revista Vogue da Carta Editorial. Nesse período de transição, Patrícia propôs a Daniela que não saísse da editora junto com a revista. Mas a ligação com a Vogue já havia sido criada. “Precisei dar a mesma resposta que ela me deu quando surgiu a proposta na Abril. Não podia deixar a Vogue, principalmente nessa fase de transição e inseguranças que a revista estava prestes a passar”.

O primeiro ano na casa nova foi um grande desafio, a começar pelo fato de que Daniela não tinha mais Patrícia Carta na linha de frente para marcar presença nos eventos e por isso precisou superar sua timidez. “No início eu ficava super tensa com a ideia de ter que ir aqueles jantares, sentar ao lado de pessoas desconhecidas e manter uma conversa”.

Donata Meirelles é aquele tipo de mulher que preenche o ambiente com seu espírito solar, simpatia e animação. Ela já foi vendedora e depois diretora de compras da Daslu nos tempos em que a loja era o templo do luxo paulistano. É uma das mulheres mais sofisticadas e foi uma contratação essencial naquele momento. Além de entender como ninguém sobre o universo do luxo, produtos e qualidade, também era muito bem relacionada entre as pessoas que eram

relevantes para a revista na época. A habilidade social não era muito o forte de Daniela, mas era algo entendido como fundamental para a construção de imagem da revista. Por isso, convidar Donata para se unir ao time foi uma grande ideia. “Ela sempre percebia quando eu estava em uma situação complicada e chegava descontraído o ambiente: ‘Essa aqui é minha chefe’”.

Hoje ainda restam alguns momentos que demonstram a timidez não totalmente vencida. Traço confirmado disso é, como contou, preferir estar rodeada de amigos do que em uma festa incrível só com desconhecidos. “E olha que eu nunca dispensei uma festa!”.

Apesar da tal timidez e falta de habilidade social, Daniela sabe conduzir uma palestra como ninguém. Sua desenvoltura para contar uma história, fazer uma mediação ou até mesmo para fazer uma entrevista em frente a um grande público surpreendem depois de saber que ela não é do tipo expansiva. O truque para o palco, segundo ela, é o mesmo aprendido durante as aulas de teatro na adolescência: olhar para a multidão e não focar em ninguém, o que torna tudo mais simples, segundo ela. “É aquela coisa de sentir um pouco dos assuntos que o público reage melhor e seguir naquele caminho”.

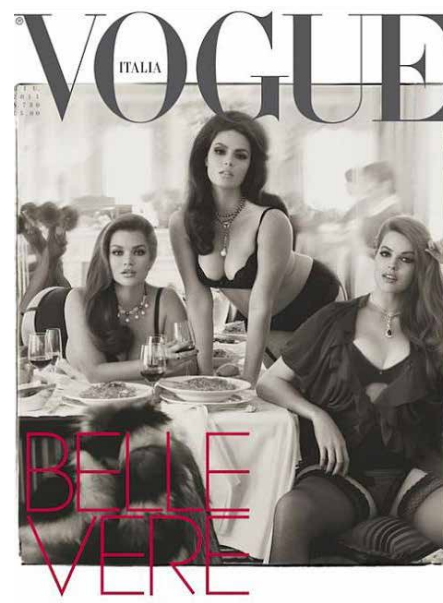
Ainda sobre as mudanças mais marcantes notadas com a migração para as Edições Globo Condé Nast, uma delas foi a seriedade que a publicação adquiriu. Além de poder trabalhar com os melhores fotógrafos, estar dentro de uma empresa de grande porte significava também precisar mostrar resultados e ter muito mais controle da parte financeira, que antes não era completamente controlada. Com isso, os orçamentos para editoriais, por exemplo, ficaram definidos e não podiam ser extrapolados como acontecia antes.

As mudanças de postura e trabalho duro não tardaram a serem reconhecidos. Em 2013, o site norte-americano *Business of Fashion*, considerado o maior e mais respeitado da indústria da moda, lançou uma lista com as 500 pessoas mais influentes e que mais movimentaram o mercado da moda. Nomes como a supermodelo Gisele Bündchen, o criador do São Paulo Fashion Week, Paulo Borges, as jornalistas Lilian Pacce e Maria Prata, o designer Alexandre Herchcovitch são alguns dos nomes importantes da moda brasileira que já passaram por essa lista ao longo dos anos.

Ao todo, foram vinte e seis brasileiros que já entraram e saíram, mas apenas Daniela, Natalie Klein, fundadora da loja multimarca NK Store, e Carlos Jereissati Filho, presidente e diretor do grupo de shoppings Iguatemi, permanecem desde a primeira edição.

Desconsiderando algumas figuras lendárias, o mercado da moda está em constante mudança e a lista se torna uma das provas da solidez da sua carreira. Ser reconhecida pelo mercado internacional e fazer parte dessa comunidade mundial de poucos e bons foi fundamental para que a Vogue Brasil desse um salto de reconhecimento. No começo do Instagram, por exemplo, a revista tinha uma presença massiva nos eventos, tinha muitas notícias em primeira mão e isso fez toda diferença em relação aos concorrentes. O que a lista consolida é a importância da Vogue Brasil no mundo.

“No início eu ficava super tensa com a ideia de ter que ir aqueles jantares, sentar do lado de pessoas desconhecidas e manter uma conversa”



Da direita para esquerda: Capa Vogue América Setembro 2018, Capa Vogue UK Novembro 2018, Capa Vogue Itália Junho 2011

ENTENDA A VOGUE

A revista conta com outras 23 irmãs internacionais. Entre elas, existe uma boa competição por baixo do tapete – como em toda família que se preze: qual delas é a mais relevante no mundo. A grande rival da brasileira? A edição espanhola.

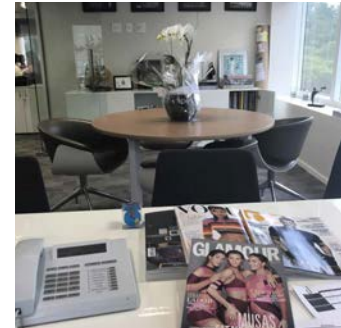
Existem quatro delas que são as tradicionais e difíceis de derrubar: A americana, primogênita criada em 1892, é sem dúvidas a grande referência. Comandada por diversas figuras emblemáticas ao longo de sua história, como a atual diretora de redação Anna Wintour, uma mulher exigente e conhecida por liderar a revista com mãos de ferro, que foi a grande inspiração para a personagem Miranda Priestly (Meryl Streep), do filme *O Diabo Veste Prada* (2006). Além dela, passaram pela revista mulheres como Diana Vreeland, francesa e ícone de moda na década de 60, que foi responsável por introduzir o senso crítico na publicação, o que a levou ao grande status pela qual é reconhecida até hoje.

Na segunda posição, segundo Daniela, temos a inglesa, seguida da francesa e italiana. “Meus chefes falam que a Vogue Brasil precisa estar entre as cinco Vogues mais importantes do mundo, e a gente conseguiu efetivamente fazer isso. A gente brinca que todo mundo fica brigando pelo quinto lugar. Não é possível dizer hoje que a Vogue Espanhola é mais forte que a Vogue Brasil, mas ela é nossa grande concorrente na briga pelo quinto lugar?”

Essa classificação não é oficial e muito menos divulgada, mas entre as equipes de cada uma das publicações é real. O ‘pódio’ das Vogues é avaliado de acordo com pequenas coisas, como a quantidade e qualidade dos convites para eventos recebidos, a fila nos desfiles, o lugar nos jantares – ao lado de quem você é colocado significa muita coisa – entre outros pequenos detalhes.

A jornalista Maria Prata, diretora do filme sobre Daniela que ainda está em fase de gravação, contou em entrevista para Maria Rita Alonso, especialmente para o site do jornal Estado de S. Paulo, que em um pré-dinner da Condé Nast, notou que o lugar de Daniela era na mesa central, ao lado de Jonathan Newhouse, CEO da Condé Nast Internacional.





Reprodução/Instagram

UM FILME SOBRE SUA VIDA

Depois do lançamento de *Diabo Veste Prada* (2006), os fãs do mundo da moda ficaram sedentos por mais informações sobre os bastidores reais de como as revistas de moda são produzidas. Em 2009, o filme *September Issue* foi lançado pela Vogue americana mostrando a realidade por trás da edição mais importante do ano, a de setembro. Anna Wintour aparece em várias cenas do documentário, inclusive em momentos bem íntimos, como algumas discussões com a diretora criativa Grace Coddington sobre algumas fotos que foram feitas, se entrariam ou não, para os editoriais na revista.

Nesse clima de mostrar bastidores e realidades, a jornalista Maria Prata propôs à Daniela contar a história da Vogue Brasil pela sua ótica. Ela é a personagem principal para contar a trajetória das mudanças da revista desde o começo de sua direção. Modestamente ela conta “Eu não teria a importância que tenho sem a Vogue. Meu grande feito, o motivo pelo qual eu sou reconhecida, é por ter feito a revista atingir o atual patamar de reconhecimento e credibilidade”. Mais uma vez, ela não recebe os créditos solitários de ter chegado onde chegou. Conta que, mesmo sabendo que era a líder, quem motivava e puxava todos para atingir os objetivos, jamais teria feito tudo se não tivesse uma equipe brilhante ao seu lado.

O filme está em gravação desde meados de 2016 e até o momento não tem data oficial para ser lançado. *Spoilers*, postados no Instagram da diretora, dão sinais de que a finalização aconteça ainda em 2018.

Momentos importantes como a transição do cargo de diretora de redação, com direito a desmontagem da antiga sala, até o anúncio

de CEO foram registrados pelo documentário. A busca por patrocínio ainda está em andamento e algumas gravações ainda precisam ser feitas, afinal, ninguém está ileso ao efeito *looping* marcação-cancelamento-remarcação da agenda de Daniela.

Quando questionada sobre a data de lançamento, parece estar quase torcendo para que não aconteça. “A essa altura, já estou com frio na barriga só de pensar”. Em algumas entrevistas para divulgação do documentário, Maria contou que não entrevistou apenas pessoas queridas por ela. Logicamente, chegar na sua posição sem criar desavenças é uma missão quase impossível.

Amiga pessoal e de profissão, Adriana Bechara contou que entre tantas lições aprendidas com Daniela, uma das que mais a marcou é de que algumas vezes é preciso comprar algumas brigas e ser firme no seu posicionamento, principalmente quando se trabalha em um veículo como a Vogue.

“Ela pode ser tua amiga, pode te conhecer, mas ela não vai te poupar da verdade, doa o quanto doer, você vai precisar lidar com isso”, contou Adriana. Ser assim, lhe rendeu algumas desavenças no caminho.

Mesmo quando ainda era diretora, já exercia de certa forma algumas funções do seu papel atual e isso causava certo incômodo em algumas pessoas. Sua opinião já era muito levada em consideração para contratações e mudanças, tanto da Vogue quanto de suas companheiras de andar.

No seu papel como diretora de redação, revisava, questionava e canetava todos os textos da redação pedindo checagem de grafia e até mesmo na forma de escrever o português. Tãmanha era a busca pela excelência.

“Me lembro de uma época em que eu estava com problemas na hora de usar vírgulas e ela me orientou a buscar aulas de português de novo. É preciso ter muita humildade para reconhecer esses erros e procurar ajuda para atingir sua melhor forma”, lembra Adriana.

“*Eu não teria a importância que tenho sem a Vogue*”

A BASE DE TUDO

Quando o assunto é vida pessoal, amigos e família, tudo muda. É como se a armadura fosse despida e uma Daniela diferente se mostrasse. Nesses ambientes só há espaço para relaxar e curtir cada segundo com aqueles que estão presentes, por isso, a *superboss* - como a própria se refere - que sabe de tudo e tem total controle das situações, fica guardada para o dia a dia de Globo Condé Nast.

“Na minha família, ninguém tem o menor interesse no meu trabalho. Meu pai e dois irmãos trabalham com mercado financeiro, minha mãe dirige uma fundação e minha irmã é advogada. Lógico que eles têm o maior orgulho do que eu faço, mas ninguém lê mesmo. Isso é um ótimo referencial que me faz sair um pouco da realidade. É como um ‘oi, desce do salto’ que não tem espaço para acontecer no meu dia a dia porque eu estou o tempo todo em um estado de tensão para fazer as coisas funcionarem”, contou com um sorriso largo no rosto.

Essa constante tensão faz parte da sua rotina de trabalho desde o início de sua carreira. A diferença é que, antes de ser parte da equipe EGCN, os assuntos e problemas eram um pouco menos glamorosos. “Eu cobria tragédia porque eu gostava e dava primeira página”. Durante oito anos essa foi a realidade do cenário na qual sua carreira começou como repórter do jornal Folha de S. Paulo.

Quem a vê hoje, provavelmente, acha difícil acreditar que por temporadas ela ia para os lugares mais afastados do estado fazer coberturas de cotidiano, política e saúde. “Eu ia para os maiores subúrbios para fazer as matérias, me sujava toda, depois voltava para redação para continuar trabalhando”.

É possível considerar que a frase “não aguento mais” ou qualquer outro sinônimo não esteja incluída no seu vocabulário. Sempre resta energia para fazer melhor do que já foi feito antes.

“Eu me lembro de uma vez, na época em que eu era repórter da Folha de S. Paulo, em que meu turno já tinha acabado: Eu tinha entrado de manhã e iria sair um pouco mais cedo, perto das sete horas da noite, mas um cara tentou cometer suicídio se jogando no Rio Pinheiros e estava internado. Minha chefe me chamou com urgência e falou que eu tinha que ir para o hospital. ‘Mas eu acabei, acabou, eu não...’. Quase comecei a chorar, estava exausta, tinha sido um dia daqueles. Eu já havia ido e voltado de alguns lugares, mas ela me disse ‘Eu sei que a única pessoa que vai conseguir entrar no hospital e arrancar alguma coisa vai ser você, então vai lá’. E eu, idiota, fui, porque nessa hora, só dela me falar que só eu iria conseguir, me deu o gás que eu precisava. Cheguei lá, inventei uma mentira qualquer no hospital que eu era parente do cara e realmente consegui falar com ele”.

Como me disse, ela não é o tipo de pessoa que veio na vida a passeio e vai buscar fazer tudo da melhor forma disponível, seja no texto, na foto ou nos negócios. “Hoje, muito de nós da EGCN não estamos em crise é pelo fato de tudo que é possível fazer com as nossas marcas, seja no impresso, online ou em eventos, nós estamos fazendo”.

Aguentar o ritmo até a exaustão completa faz parte das suas características mais marcantes. Não é incomum pessoas a questionarem de como ela consegue dar conta de todos os seus afazeres sem “cansar”. A determinação para terminar, seja lá o que for, é tanta que, é como se não importasse o que foi pedido, o que importa é que seja feito da melhor forma possível, é o que me contou Adriana. “No começo, nós tínhamos prazos insanos, entrávamos às 10 horas e só saíamos lá pelas 23 horas, era uma loucura”.



Daniela, seus dois irmãos e os pais

“Não sei como ela consegue”, “não sei que horas ela dorme”, “não sei como ela aguenta” e “ela não para”, foram frases recorrentes ditas pelos próprios amigos, principalmente por Adriana. Tudo é muito intenso: os compromissos e principalmente as viagens. Encontrá-la por muito tempo em algum lugar é uma tarefa rara de se conseguir.

Um dos segredos para conseguir levar bem a rotina intensa é não abrir mão dos seus momentos de prazer e descontração. “Meus amigos me dizem que acham que eu só aguento porque eu aproveito bem os momentos que eu tenho. Viajar, por exemplo, é um ótimo jeito de quebrar essa rotina intensa”. Basta acompanhar suas redes sociais para saber que ficar em São Paulo não é uma opção aos finais de semana. “Eu amo ficar na minha casa de vez em quando, mas se eu ficar na minha casa de um jeito ou de outro, o trabalho chega”.

Isso acontece, porque, como diz a lenda popular “jornalista só anda com jornalista”, no grupo social de Daniela não é diferente. “Meus amigos são pessoas relacionadas ao trabalho. Não necessariamente pessoas que trabalham aqui, mas são contribuidores, antigos colegas de EGCN, ou pessoas relacionadas, que são fontes, aquela coisa. Também tem a parte que, se eu fico, acabo lendo as revistas para ver como estão”.

Esse é um dos motivos pelo qual Daniela está sempre em movimento. Não é preciso conhecê-la intimamente para saber que suas malas estão sempre prontas para o próximo destino, seja ele a casa de praia em Salvador, a casa dos irmãos no Rio de Janeiro, alguma temporada de *fashion week*, ou qualquer outra viagem de trabalho. Certa vez, em uma de suas colunas, chamada “Ponto Final”, publicada esporadicamente na Vogue, ela contou que foi questionada por um dos funcionários do seu prédio se era aeromoça, já que tamanha era a quantidade de vezes que passava pela portaria com malas, quase sempre pequenas, correndo para pegar o próximo voo.

A convivência familiar acaba quebrando sua rotina, assuntos e costumes de CEO. Sua casa de praia em um condomínio em Salvador e a casa de seus irmãos no Rio de Janeiro são seus destinos preferidos aos finais de semana. Mas não se engane ao pensar que nesses lugares Daniela fica 100% relaxada: “Se eu me estresso ou começo a brigar com alguém, meus irmãos sempre soltam ‘Opa opa, aqui não é a diretora da Vogue não, relaxa aí’”, conta segurando um pouco o riso com a lembrança.

M DE MULTITASKING

Uma das provas da sua habilidade multitarefas foi quando uma assistente de marketing disse a seguinte frase: “Ela sabe de tudo”. Era um evento da Vogue em parceria com a loja de roupas Amissima, no shopping Cidade Jardim, no primeiro trimestre de 2018.

Essa marca pode ser considerada um dos maiores casos de sucesso da revista em relação ao lançamento e posicionamento de uma marca. Antes de ser descoberta pela revista, a Amissima era mais uma das lojas de atacado do bairro Bom Retiro em São Paulo. Hoje veste várias influenciadoras como Marcella e Luciana Tranchesi, filhas da Eliana Tranchesi, antiga dona da Daslu, loja considerada o “Templo do luxo” nos anos 2000.

Essa frase marcou as entrevistas. Foram cerca de 40 minutos falando sobre a vida dela, com apenas três breves interrupções de uma ligação e dois e-mails antes de descermos para duas reuniões que a aguardavam.

A primeira delas era com toda redação da revista Glamour. A reunião já havia começado sem ela, mas no mesmo instante que chegou, lhe foi dada a palavra. “Ninguém vai ser demitido, podem relaxar, são só algumas mudanças”. Esta foi uma das primeiras

frases que disse ao entrar. Nesse momento, várias posturas se acomodaram nas cadeiras da sala de reunião e esboçaram alguns sorrisos discretos no canto da boca.

Vinte minutos depois e duas redações atravessadas, estávamos na sala da Taissa Buescu, diretora de redação da revista Casa Vogue, conversando com Clayton Carneiro, diretor criativo que também trabalha com os ensaios da Vogue, e um assistente sobre o porquê a foto que havia sido feita para entrar como capa da próxima edição não funcionava e quais eram as possíveis soluções para resolver a questão. O empecilho da vez era colocar o patrocinador da capa de forma que não parecesse forçado e a essência da revista não fosse perdida.

A capa que foi para as bancas era diferente da qual havia sido discutida naquele dia.

Durante as duas reuniões, não existia instabilidade, dúvida ou insegurança na sua postura e voz. Daniela sabia o que precisava resolver e o fez sem maiores enrolações. “Ela resolve tudo muito rápido. Me lembro de uma ocasião em que ela chegou, ouviu o que precisava, ajustou pontos que concordava ou não e em vinte minutos estava tudo certo. É como todas as reuniões deveriam ser”, lembra Marcella Kanner, diretora de marketing da Riachuelo. Não há muito tempo a perder, porque sempre existe um outro compromisso no qual ela já deveria estar (ou pelo menos a caminho).





O DIABO VESTE MESMO PRADA?

Ao circular com Daniela pelos corredores da editora é visível uma certa movimentação atípica conforme ela passa, e nessas horas é impossível não lembrar de algumas cenas do filme *O Diabo Veste Prada*, maior referência quando o assunto é mostrar algumas realidades que vão contra todo “glamour” que envolve o jornalismo de moda.

Mas não ouse compará-la com a vilã e colega de profissão do filme, Miranda Prisley. Em novembro de 2015, Daniela foi convidada para escrever uma matéria na revista “Época” em uma edição especial sobre a primavera das mulheres. No texto de título “As Poderosas Chefinhas”, conta sobre como acha é injusta a imagem criada em cima das mulheres com cargos de poder, que é completamente diferente de quando os homens são retratados, seja qual for o cargo. Autoritárias, mimadas e temperamentais são algumas das características que se repetem na ficção cada vez que uma dessas mulheres poderosas é retratada.

Mas a realidade é que, apesar da luta para se afastar cada dia mais do estereótipo, volta e meia o tal comportamento se repete e é como se caísse na tentação dos velhos hábitos que se ressurgem sem ter exatamente um motivo.

Apesar de não gostar da comparação, para os meros espectadores que não estão acostumados com o ambiente de redação e muito menos com a presença de uma diretora tão poderosa quanto Daniela e Miranda circulando pelos corredores, fica difícil não relacionar e comparar as duas situações. Como no filme, enquanto passa, discretamente alguns arrumam a postura, jogam fora aquele saco de snack de cima da mesa, alinham alguns papéis e até mesmo o visual.

A preocupação não é à toa. Certa vez confessou que uma das coisas que mais observa e a incomoda são esmaltes, principalmente vermelhos, descascados. “Eu acho *trash*. Toda vez que eu vejo isso na redação eu paro e falo ‘tira isso, pelo amor de Deus’. São nessas pequenas coisas que a pessoa mostra o cuidado consigo. Ter uma unha sem esmalte, mas bem cuidada e hidratada, por exemplo, é melhor do que tê-la roída e descascada”.

Engana-se quem pensa que ela sempre foi assim. Logo no seu começo de carreira, Reinaldo Lourenço, um dos maiores estilistas da moda nacional, pegou sua mão e disse “Você sabe que uma editora de redação da Vogue não pode estar com a mão tão mal feita assim”. Na época, eles eram apenas colegas, nada comparado com a amizade que têm hoje, mas “eu não senti raiva porque achei que ele tinha um ponto de razão”.

Algumas pequenas coisas assim foram sendo introduzidas em seu estilo de vida quando mudou para o mundo da moda. Antes, atuando com jornalismo de outras áreas como cotidiano, política, saúde e educação, esses detalhes não faziam parte da sua zona de foco, mas virar “jornalista velha *trash*” era um dos seus maiores temores desde sempre. “Tinha pavor de terminar com aquele estereótipo de jornalistas que antes morriam com dente ruim, cirrose e todo aquele tipo que era muito comum nas redações antigamente”. Entrar de cabeça na Vogue a fez fugir do temido tipo de jornalista. “É interessante que quando ela começou, ela era uma ótima jornalista de política, que não fazia parte desse universo e aparentemente nem pretendia ir para esse lado do jornalismo. Porém quando entra no mundo da moda se dedica a ponto de se tornar a melhor do país”, confirma Marcella Kanner.



Em cima: Daniela e Aline Cury no Prêmio Geração Glamour 2018
Embaixo: Vitória em um sorteio durante a inauguração da nova loja Alexandre Birman

Reprodução/ Instagram



Marcella foi uma das pessoas indicada por Daniela em uma lista com vários nomes que a conhecem muito bem e seriam ótimas fontes de boas histórias. A maior aproximação entre elas começou em uma viagem para Estocolmo com o grupo F*Hits, a primeira plataforma de influenciadores digitais de moda e *lifestyle* do mundo. Devido a uma logística de gosto duvidoso, antes do destino final, fizeram uma escala em Istambul. A maioria dos convidados já havia ido no dia anterior para a tal viagem, mas por motivos de agenda, Marcella, Daniela e Nazish Munchenbach, antiga diretora de Marketing e vendas da marca Granado Farmácias, só puderam embarcar um dia depois. A parada em Istambul durou uma noite e, por conhecer muito bem a cidade, Daniela assumiu o papel de guia do trio.

Na época, Marcella estava grávida do seu terceiro filho e lembra que pararam para comer um típico kebab na rua durante a madrugada. “Se meu marido visse aquela cena, ele me matava”, conta se divertindo com a lembrança. Além disso, conta que a companhia era muito agradável porque Daniela consegue falar sobre tudo. “Ela é muito culta, está o tempo todo antenada no que está acontecendo na sua área e no mundo e por isso era muito fácil manter assuntos”.

Foi durante essa viagem, entre compromissos e bons *drinks*, que os laços pessoais e empresariais se estreitaram. A Riachuelo e a Vogue são parceiras em muitos projetos, como o Baile da Vogue, principal festa organizada pela revista e que conta com apoio da marca há pelo menos três anos.

DESACELEREM

(MAS NEM TANTO) AS MÁQUINAS

Poucas coisas até hoje foram capazes de desestabilizar Daniela, mas em fevereiro de 2015 sua rotina precisou ser readaptada depois da descoberta de um câncer de mama. “Eu sou uma pessoa superprática, mas é óbvio que me abalou quando eu descobri”.

Apesar de difícil, a forma como a notícia veio parece ser mais uma daquelas situações que saíram do roteiro de um filme. Dois dias antes de embarcar para a temporada de moda de Milão, lá estava ela realizando uma biopsia. O resultado chegou por *e-mail* direto do laboratório e não se engane pensando que a família foi a primeira a ser informada. Bárbara Migliori, diretora de moda, havia indicado a médica ginecologista e era a companheira de quarto. Assim foi a primeira pessoa a receber a notícia do que estava acontecendo.

Foram doze horas até o primeiro contato com a médica. “As doze horas mais longas da minha vida até então”. O *stylist* Giovanni Frasson foi a segunda pessoa a saber, e conforme as outras pessoas da equipe foram chegando, a notícia foi sendo contada, mas aquilo não deveria ser assunto ou se espalhar. Não tinha como esconder porque mesmo participando dos desfiles, dos jantares e tudo mais, ela estava diferente do habitual, que era ficar até a última taça. “Quando chegava a noite e eu só queria voltar para o hotel. Eu estava destruída e só queria descansar”.



Donata Meirêles, Daniela Falcão e Alexandre Frota no amFAR 2015

Não foi preciso embarcar de volta para o Brasil no mesmo momento porque o câncer estava encapsulado. Depois de Milão, ainda foi possível ver a temporada de Paris normalmente, “mas quando você chegar, a primeira coisa que precisa fazer é vir aqui”, disse sua ginecologista.

Foram quinze dias de desfiles intensos que se passaram em uma montanha russa de emoções. Entre um e outro, lágrimas discretas escorriam e, para quem não sabia, parecia apenas que ela estava mais sensível.

No dia 12 de março de 2015 estava de volta em território nacional. Donata Meirelles a acompanhou para encontrar o médico oncologista ideal, e foram exatas duas semanas até o dia da cirurgia de mastectomia. Durante esse tempo, o trabalho dividiu espaço com os diversos exames pré-cirúrgicos. Sua família só ficou sabendo uma semana antes da cirurgia. Foram dez horas para remover o carcinoma que ainda estava contido e era maior do que haviam imaginado, mas foi pouco invasivo, o que a livrou da necessidade de uma prótese.

Quanto tempo ela aguentou afastada? Apenas uma semana. Voltou a trabalhar com pontos, fez uma viagem para passar a páscoa com a família na tradicional casa de praia de Salvador e a vida seguiu (quase) sem mudanças.

“Demorou para que eu entendesse o que o câncer havia me ensinado”. Ser mais prática e desapegada em relação a algumas coisas talvez tenham sido algumas de suas lições aprendidas.

Logo no começo de abril, do mesmo ano, já voltou a comparecer a alguns compromissos, como o amfAR, tradicional baile de gala que levanta fundos para o desenvolvimento de pesquisa para a cura da AIDS. “Lembro que eu não conseguia nem mexer os braços direito, mas escolhi um vestido que era fácil de colocar e não

queria perder a festa”.

Pouco depois, adiou o início das suas sessões de radioterapia para participar da festa de 40 anos da Armani em Milão. Depois, para viajar à Cannes e entrevistar o estilista Raf Simons, que na época estava à frente da marca francesa Dior.

Depois de realizar as duas viagens internacionais, a parte mais trabalhosa da doença chegou. Fazer radioterapia exige disciplina e grande dose de paciência, principalmente para Daniela, que é ligada no 220W o tempo todo. Durante um bom período, todos os dias tinham pelo menos uma hora dedicada ao tratamento e eram nesses momentos que a real sensação de estar com câncer a atingia. “Eu via pessoas piores do que eu e o mais triste era saber que algumas pessoas ali não iriam se curar”.

Textos e *e-mails* eram o entretenimento para fazer com que o tempo passasse mais rápido. Com o fim da primeira parte do tratamento realizada, era hora de começar a tomar o bloqueador hormonal para reduzir os níveis de estrogênio no corpo e diminuir as chances de reincidência. Ao fim do tratamento, o sedentarismo e o ganho de peso foram fatores que a levaram a prestar mais atenção em seu corpo. “Eu acho que o câncer foi um sinal do meu corpo. É aquela hora que ele dá uma sacaneada e mostra que não é infalível e que precisa de atenção”.

Paralelamente a isso, a Vogue de maio completava 40 anos com Gisele Bündchen na capa comemorando seus 20 de carreira. A edição foi ainda mais especial por ter batido recorde histórico em relação ao faturamento e também por conter homenagens de vários estilistas que enviaram cartões, desenhos de próprio punho como o recebido de Karl Lagerfeld. Para a atual diretora de redação da revista, Sílvia Rogar, essa foi uma das edições mais especiais e que coroaram todo trabalho que estava sendo feito.



Reprodução/ Instagram

A BUSCA PELA VAIDADE

O corpo pediu socorro e ela precisou atender para que pudesse seguir no mesmo ritmo por mais tempo. Antes de 2015, apesar da afeição por esportes, os exercícios físicos eram facilmente substituídos ou ignorados. Qualquer outro compromisso era uma ótima desculpa para faltar. Estava de ressaca? Tinha ido a alguma festa? Tudo era motivo para faltar da ginástica.

Depois do câncer, algumas medidas precisavam ser tomadas para que o corpo se tornasse mais saudável e menos suscetível a doenças. Para isso, as opções eram adotar uma alimentação vegana e saudável, parar de beber álcool, reduzir o nível de estresse – que contribui para o aumento de cortisol, hormônio diretamente ligado ao tipo de câncer que havia tido – ou então começar a prática de exercícios físicos diários. Qualquer outra opção que não fossem os exercícios, era impossível e inviável de ser adotada.

“Pela rotina que eu levo, não consigo diminuir meu estresse – seria um sonho, mas não dá. Além disso, com a quantidade de eventos, festas e jantares que estão inclusos na minha agenda, eu não aguentaria, não tem como não tomar uma taça”.

Os exercícios ocuparam o lugar que as sessões de rádio deixaram vago. A mesma determinação que ela tem para aguentar um fechamento, para aguentar fazer as matérias até a melhor versão também é aplicada para terminar seu circuito pensado pelo preparador físico Fábio Aquino.

A disciplina aprendida na fase de tratamento também foi aplicada na sua nova dieta. Foram em torno de 12kg a menos desde que se consultou com duas nutrólogas diferentes e passou a seguir severamente a dieta.

Calça jeans e camiseta polo da Lacoste ou calças de brim combinadas com qualquer blusinha foram por muito tempo as peças chaves do armário de Daniela. Durante a fase de repórter de política, *hardnews* e educação, a moda tinha um papel ínfimo na sua escala de interesses.

Entrar na *Vogue* foi o *turning point* em vários aspectos da sua vida, inclusive no estilo. No começo, usar uma roupa de gala ou algo mais social era uma grande tortura. Hoje, possui uma coleção em seu armário e vai usando conforme a necessidade e vontade sem medo de repeti-los.

Nunca teve ajuda para escolher suas roupas e muito menos um *personal stylist* próprio. As únicas experiências com esse tipo de consultoria aconteceram na época de transição da Carta Editorial para a EGCN. Durante as viagens a Paris com o *stylist* da *Vogue*, Giovanni Frasson, era costume frequentar a lojas como Prada, Céline e outras grifes que ele considerava como as *must have* para Daniela. “Muito das coisas que comprei naquela época eu nunca usei e precisei doá-los. Não tinha a ver comigo porque era o olhar dele sobre mim e eu não conseguia usar por mais incríveis que fossem as combinações que ele sugeria”.

Hoje seu estilo é muito definido. Devido ao seu astral de quem cresceu no Rio de Janeiro, as alfaiatarias e peças mais soltas, majoritariamente cores como azul marinho, verde militar e vermelho são o que predominam seu armário. Jeans e camiseta hoje em dia? Só em casa e ainda assim, muito pouco. “Meus amigos do começo de carreira ainda tiram muito sarro por eu ter virado uma pessoa da

moda, mas o que eles não entendem é que apesar das futilidades, a moda te dá muitas coisas boas”.

O cuidado com o que vestir, com o como se apresentar são parte do pacote do mundo da moda que só traz benefícios, como o autoconhecimento.

Yasmine Sterea, consultora de projetos especiais da *Vogue* e criadora da plataforma FREE FREE, projeto que busca ressignificar a moda a fim de estimular a identidade como essência e o fortalecimento da identidade das mulheres por meio da forma de vestir, convidou Daniela para participar do seu projeto.

A pergunta era como ela gostaria de ser, se vestir ou parecer se não tivesse nenhuma marra social. A resposta não veio logo de prontidão, mas depois de uma noite de sono, ela veio. “Eu não quero ser nada de diferente. Quero ser exatamente quem eu sou. Amo o jeito como me visto, gosto exatamente do que eu me tornei e muito disso eu devo à *Vogue*”.

A moda não precisa e nem deve ser uma amarra que limita. Ela pode ser exatamente o contrário e Daniela é a prova viva disso. Conhecer seu corpo lhe deu autonomia para saber o que funciona ou não, o que lhe cai bem e como usar os truques da área ao seu favor. Hoje sua personalidade e forma de se vestir são complementos que transmitem uma mensagem completa de quem ela é.

“Eu acho que ela foi se aprimorando de uma tal maneira que deixou o mais fácil para o final, que era o cuidado pessoal. Ela passou a se conhecer tão bem no final que encontrou a melhor versão de si, o que é o mais legal”, opina Adriana.



“Eu não quero ser nada de diferente. Gosto exatamente do que eu me tornei e muito disso eu devo à Vogue”

(DES)APEGOS

Mudanças sempre fizeram parte da sua vida. Durante toda infância e adolescência, foi difícil passar muito tempo na mesma escola ou na mesma cidade. Seu pai na época era um diretor de banco que vivia sendo realocado devido às políticas da empresa. Salvador é a cidade onde nasceu, mas logo mudou-se para São Paulo, Recife e Rio de Janeiro, que é de onde são seus amigos de infância.

A habilidade de não se apegar e não sofrer para se despedir é uma característica que foi sendo aperfeiçoada durante a infância e se aplica diretamente na sua vida profissional.

Quando conta da sua passagem por veículos como a revista TRIP e o jornal Folha de S. Paulo, por exemplo, não há ares de saudosismo na fala ou no olhar. É como se tivessem sido bons no período em que ocorreram e mais nada.

A expressão muda quando falamos dos tempos em que era diretora de redação da Vogue. Foram um total de 140 cartas do editor escritas em onze anos e dez meses comandando a revista que, em abril de 2004 lhe foi entregue com a missão de deixá-la mais conectada com a mulher que a consumia. No início, o desafio era continuar falando de luxo com excelência, mas também trazer um olhar mais feminino, que antes não acontecia já que toda direção da revista era feita por homens. Quando o bastão precisou ser passado, devido ao seu jeito prático demais, Daniela não chorou ao escrever sua última carta ou ao se despedir da sua antiga sala.

Passar o bastão aparentemente foi fácil demais. A atual diretora de redação, Sílvia Rogar, já estava em treinamento há mais ou menos um ano antes de assumir a posição. “É uma situação diferente porque ela deixa a direção da revista mas continua sendo minha chefe” conta Sílvia. Sendo assim, ela continua opinando em questões de arte, capas e chamadas de capa.

Depois da transição de cargo, Daniela ganhou uma coluna para continuar escrevendo para Vogue. Batizada de “Ponto Final” ela abriga pequenas crônicas e, de certa forma, mantém a ligação com a revista. A coluna segue o mesmo estilo leve em que ela escrevia as cartas do editor. São textos curtos e fluidos de ler e mostram uma Daniela despida de armaduras.

Na primeira publicação, de título “Chegadas e Partidas”, ela se mostra despida de armaduras e completamente vulnerável por falar da sua inabilidade de chorar em despedidas. Na época, além da sua transição de cargo, outras duas mudanças estavam acontecendo na redação da revista Glamour.

Mônica Salgado até então diretora de redação e a ex-diretora de moda, Adriana Bechara, estavam partindo para novas empreitadas e Daniela resolveu homenageá-las de formas diferentes.

O adeus de Mônica aconteceu durante o prêmio geração Glamour de 2017. Em um discurso caloroso, ela homenageou a colega que começou como editora na Vogue antes de tornar-se diretora de redação da Glamour. O tal discurso chateou uma de suas amigas de profissão de mais longa data, Adriana, que também estava saindo e não foi citada uma única vez.

Não mencioná-la no discurso foi uma atitude de caso pensado. Por ser muito efêmero, Daniela preferiu homenagear sua grande amiga de outra forma. Na edição nº 464, Vogue de abril de 2017, é lançada e na sua coluna de estreia, Adriana encontra a seguinte homenagem:

“Não tem ninguém que nesses meus anos todos à frente de uma revista tenha me testado tanto quanto Adriana. Questionadora, segura de si, ela é o oposto da minha personalidade em quase tudo.

Eu sou concisa, ela é prolixa; eu sou básica e direta, ela é complexa e subjetiva; eu me vejo minimalisticamente e ela...bom, Bechara é uma explosão *fashion* por todos os poros. Por tudo isso, vai deixar um buraco enorme. Tão grande, que fugi do seu adeus. Porque deu um medinho de perder o senso prático (...). Talvez seja a idade. Talvez seja a Bechara mais uma vez quebrando meus paradigmas. E me fazendo ser melhor. De novo”.

A amizade entre as duas dura desde meados de 2003, quando trabalharam juntas no Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro. Já passaram por diversas fases, e mesmo em momentos de maior afastamento, a admiração e respeito mútuo sempre prevaleceu. Quando fez a primeira entrevista para a Vogue, ainda em época de Carta Editorial, Daniela já havia citado o nome de Adriana, mas o momento certo de trazê-la para a equipe tardou um pouco.

Depois de causar um certo barulho nos editoriais da revista QUEM, o convite para ser uma *voguite* finalmente aconteceu. Infelizmente a vaga não era tudo aquilo que Adriana sempre havia sonhado e, quando surgiu a oportunidade de migrar para a Glamour, consultou Dani para realizar a mudança. “A primeira reação dela foi quase me bater, mas depois ela entendeu meus motivos e me apoiou. Ela primeiro reage e depois pensa”. Apesar de na época ainda não ser CEO, sua voz já era ouvida e considerada como tal, tamanha era sua credibilidade. Logo Adriana mudou de cargo e trilhou sua trajetória na revista Glamour ao lado de Mônica.

Adriana saiu da EGCN para embarcar em uma aventura com seu marido e filha pequena de dar a volta ao mundo. O trio carimbou o passaporte em diversas localidades durante todo o ano de 2017 e há pouco tempo se mudou definitivamente para Portugal.





“AO INVÉS DE FECHAR REVISTAS, EU FECHO NEGÓCIOS”

Como uma típica pessoa de humanas, Daniela também não era daquelas maiores fãs de números. Certa vez, quando ainda morava e trabalhava em Brasília, recebeu de um chefe uma historinha para ajudá-la a fazer regra de três.

Como alguém assim se torna CEO? “Por mais que eu nunca tenha sido boa com números, eu consigo ver as revistas como um todo e a parte financeira está inclusa nisso”.

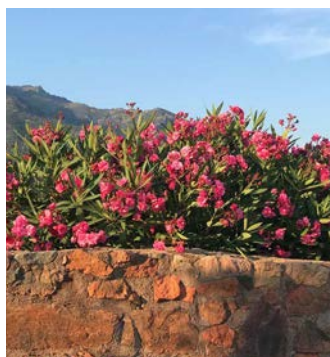
Ser uma CEO com o histórico como o dela, que passou por vários cargos e frentes diferentes do jornalismo antes de assumir a direção é um dos seus grandes diferenciais. Seu background de repórter de *hard news*, política, educação e depois como diretora de redação da Vogue garantem que ela saiba exatamente o que pode ou não

ser feito, afinal, ela já esteve do outro lado. “É diferente de ter um alguém puramente estratégico e que nunca teve contato com a redação”.

Depois de assumir a nova posição, a moda passou a dividir espaço com outros assuntos mais estratégicos. Sua presença em todas as temporadas de desfiles internacionais tornou-se menos frequente enquanto a em festivais de inovação como o *South by Southwest (SXSW)*, o maior e mais influente festival de inovação que acontece anualmente na cidade de Austin, Texas, passou a ser mais comum.

Mesmo depois de todo esse tempo, experiências e negócios fechados, ela ainda volta para a historinha para fazer a regra de três.





Fotos postadas no Instagram de Daniela durante a viagem na Córsega. “Descobri meu lugar na Corsega. Lugar perfeito para tirar um sabático e finalmente escrever aquele livro @1brunoporto” (26 de julho de 2018)

Reprodução/ Instagram

DE VOLTA PARA O INÍCIO

Empreendedora de si, Daniela sempre tem planos para o futuro. A cada virada de ano, sempre existe um projeto novo, pessoal ou profissional para ser colocado em prática. “Eu já sei o que vou fazer no meu ano sabático”. A saída da EGCN é algo que está presente na sua cabeça. “É claro que vou sair! Eu tenho outras coisas que eu ainda quero fazer da minha vida”.

Depois de tantos anos à frente da mesma companhia, envolvida com os mesmos títulos, a questioneei sobre quais eram os próximos passos. Por alguns segundos ela me olhou, sorriu, olhou para os anéis de sua mão e voltou a me olhar.

“Eu ainda quero escrever um livro”. Esse desejo está com ela desde o começo da carreira, mas agora não está mais relacionado com o medo de se tornar uma jornalista *trash*, e sim ao seu gosto pela escrita.

Seus olhos, que não são do tipo que brilham com muita facilidade, brilharam ao dizer a frase. Não havia ansiedade, e até o leve gaguejar característico da sua fala, de quem parecem conseguir acompanhar a velocidade dos pensamentos da sua

cabeça e transformá-los em fala, sumiu naquele momento.

Certa vez em uma conversa com Bruno Porto Gonçalves, editor da Companhia das Letras, ele sugeriu que escrevesse uma versão própria do filme *Diabo Veste Prada* compilando todas as histórias que viveu nesses 14 anos de moda. Essa ideia já existia na cabeça de Daniela a ponto de ter um caderno com várias situações que passou anotadas por medo de um dia

“É claro que eu vou sair! Eu tenho outras coisas que ainda quero fazer da minha vida”

dia esquecê-las. Infelizmente esse registro foi perdido.

Depois de saber dessa informação, a pressão para que Daniela escrevesse mesmo seu livro ficou ainda maior por parte da editora. “Eu não posso escrever esse tipo de livro enquanto estiver na Vogue” foi o argumento usado para adiar o projeto. Então, a sugestão foi de escrever um livro compilando os textos da coluna “Ponto Final”. Daniela não só topou como assinou um contrato para produção. “A cada três meses ele me manda uma mensagem cobrando se eu já comecei a escrever o livro”.

A escrita, só vai começar de fato quando sair da EGCN. Hoje, sua rotina não permite que haja tempo hábil para abstrair e escrever. Seu foco ainda continua em fazer com que as revistas que estão sob sua direção sejam as melhores versões que podem oferecer. Por esse motivo, a tendência é que o livro saia apenas no ano sabático.

“Talvez eu decida me afastar da função de diretora geral por um tempo para escrever o livro e depois voltar como colaboradora da Vogue, por exemplo, mas eu não preciso sair de vez para conseguir fazer”.

Durante suas últimas férias na região da Córsega, encontrou o lugar perfeito para que o livro fosse escrito. O lugar precisa ser calmo, tranquilo e ter uma bela vista para atender aos pré-requisitos da locação perfeita. Fato é: escrever o livro está na sua cabeça o tempo todo, mas não existe uma previsão concreta de quando a produção começará.

Como será a EGCN sem a gestão de Daniela? Como será a vida de Daniela sem a EGCN? Ainda sem data, a única certeza é que as mudanças vão abalar o jornalismo de moda nacional.





DOLCE & GABBANA



DOLCEGABBANA.IT

